

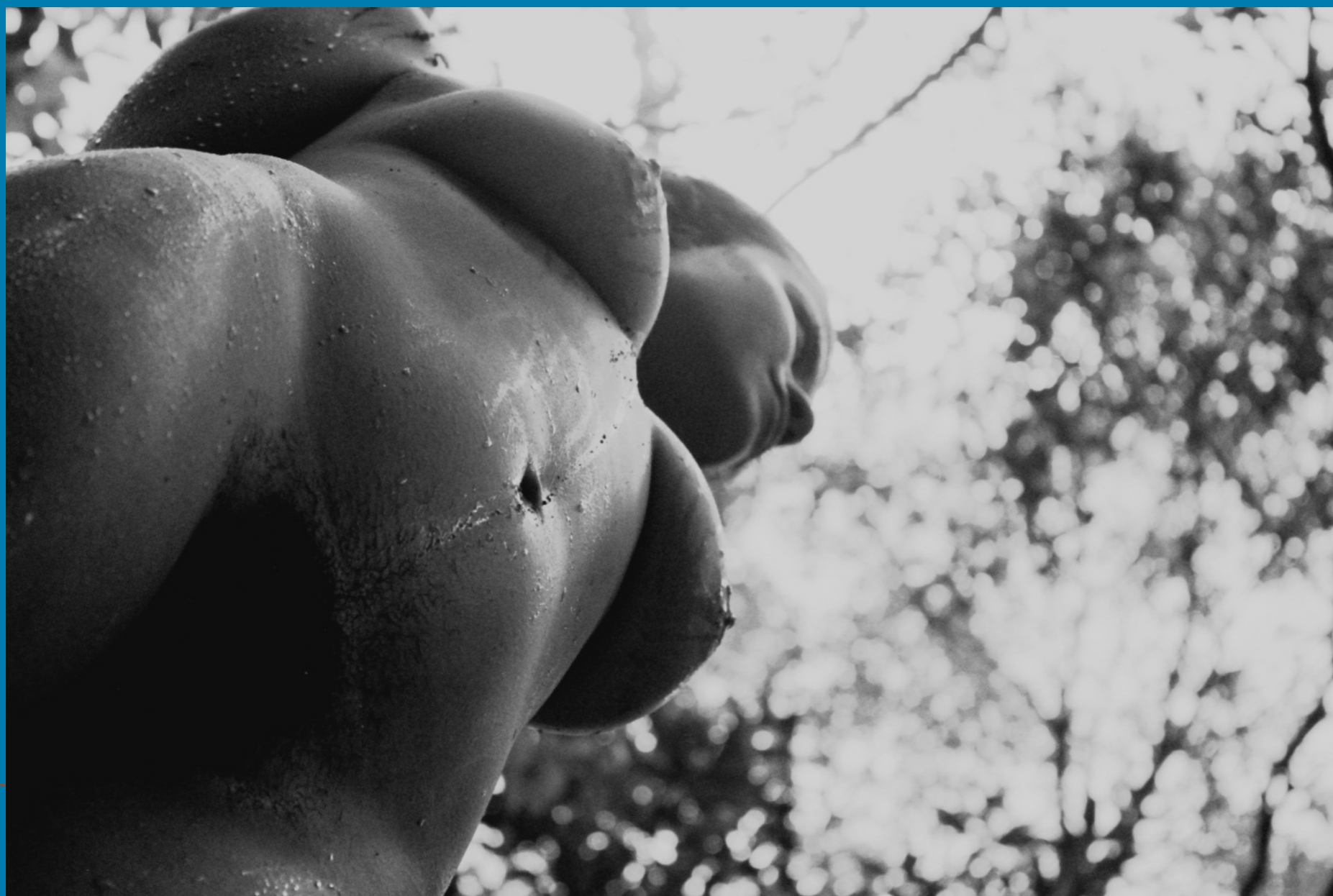
GEOGRAFIAS UTERINAS: FRESTAS FOTO-POÉTICAS

Alice Bessa¹

Ser mulher é mar, menina quando rio. Frase que o vento – de brisa franciscana – me trouxe. No rio. No São Francisco sendo foz do Atlântico... Após ser limite natural territorial nordestino. Aquela ilha. Aqueles azuis alagoanos e sergipanos. O vento, a areia cor alaranjada de sol. Sedimentos ferro-arenosos... O desague. Outras clarividências me desaguaram desde aquele lugar. Aqui essas águas escapam nas frestas das caravanas imersivas com elementos imagéticos de uma pesquisa que tem sazonalidade de dezesseis estações. Minha imersão investiga – por uma perspectiva fenomenológica – nuances de geograficidades femininas.

O lugar de partida? Útero. E talvez o de chegada.

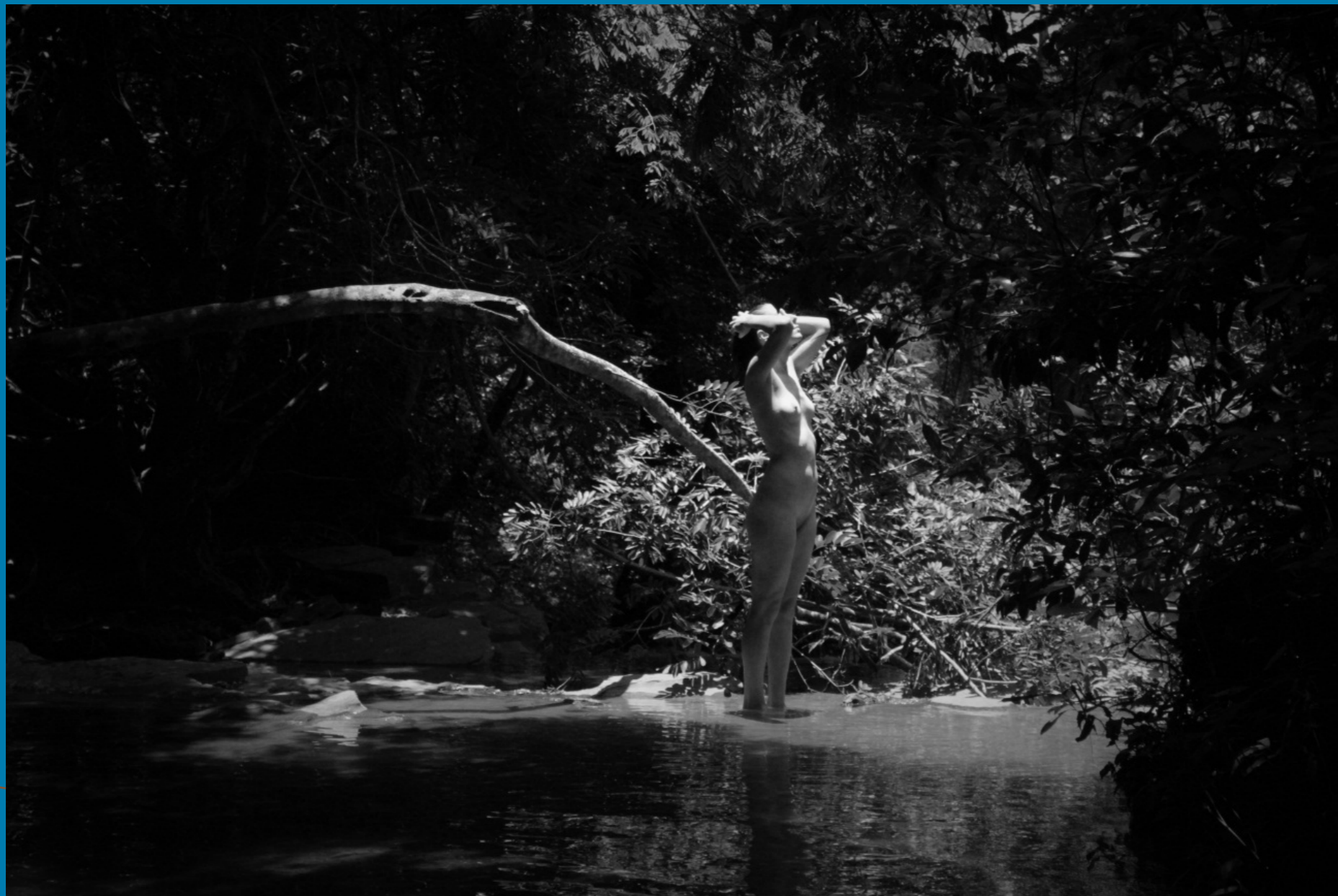
¹ NPGEOH – Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista da UFMG. abessageo@gmail.com.
✉ Avenida Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. 31270-901.



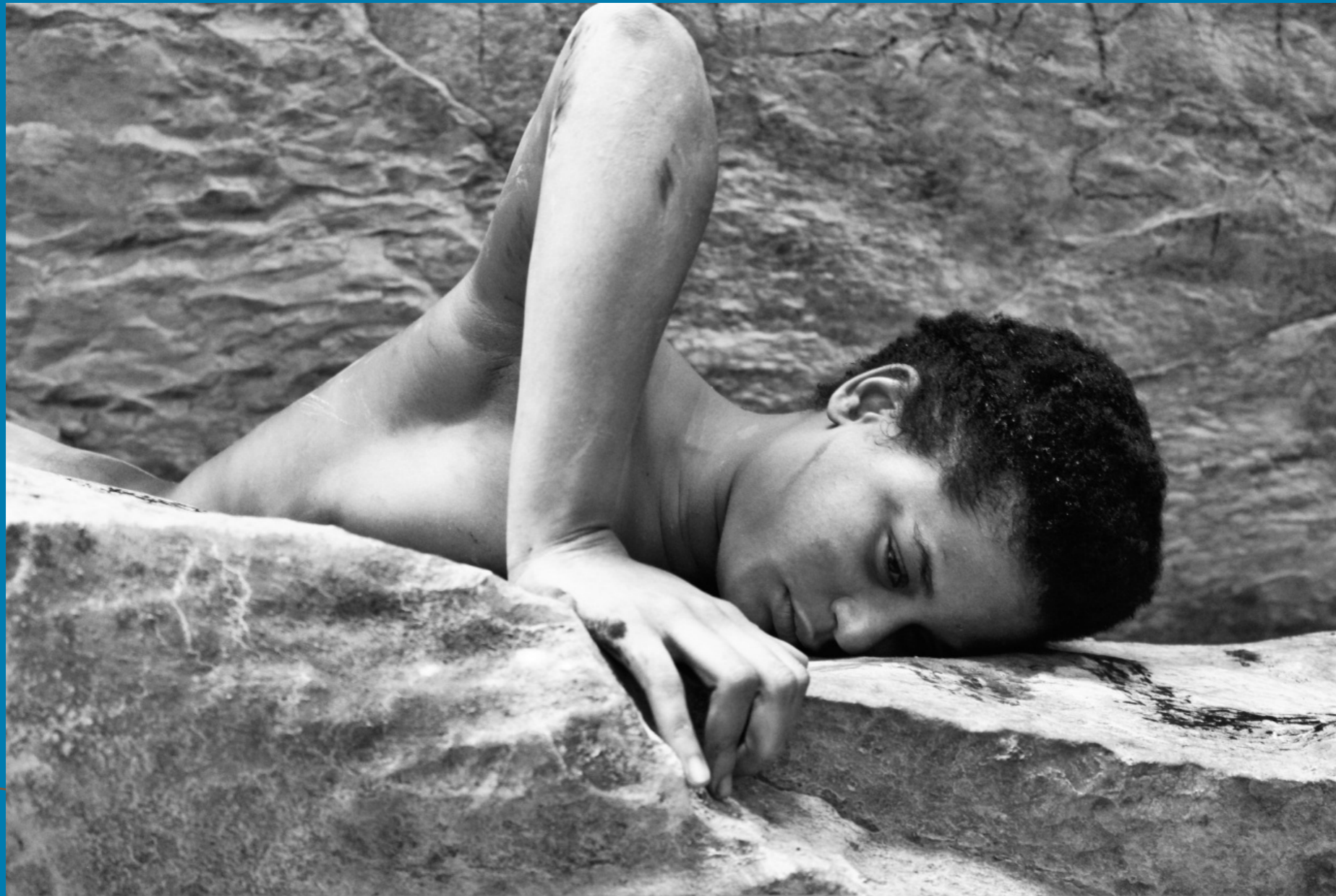
A ciência tolhe ou camufla feminilidades desde sua patriarcal raiz. Vestimos e utilizamos masculinidades todos os dias para movermos na pesquisa geográfica, mesmo que a vestimenta "sirva" frouxa ou apertada.



Ainda assim – nos corpos e seres femininos – há encontros genuínos com a explosão da existência. Há espaço para outros mundos. Há um ciclo semelhante ao lunar, visível não apenas em fluidos de sangue. Essas possibilidades abrangem tons perceptivos que aprofundam vivências fenomenológicas e geográficas.



Onde estão as materialidades de tons perceptivos femininos do espaço?



Uma busca: afloramento das geografias femininas encobertas por espessas camadas sedimentares. Um possível lugar-caminho desta busca? Vereda. Onde a água brota de profundezas. Onde teorias morfológicas não saciam respostas. Mistério. Mulher. Onde o fruto, buriti, dá energia e cura que só as doninhas do sertão – e suas almas médicas – sabem tratar. Cíclicas. Lunares.

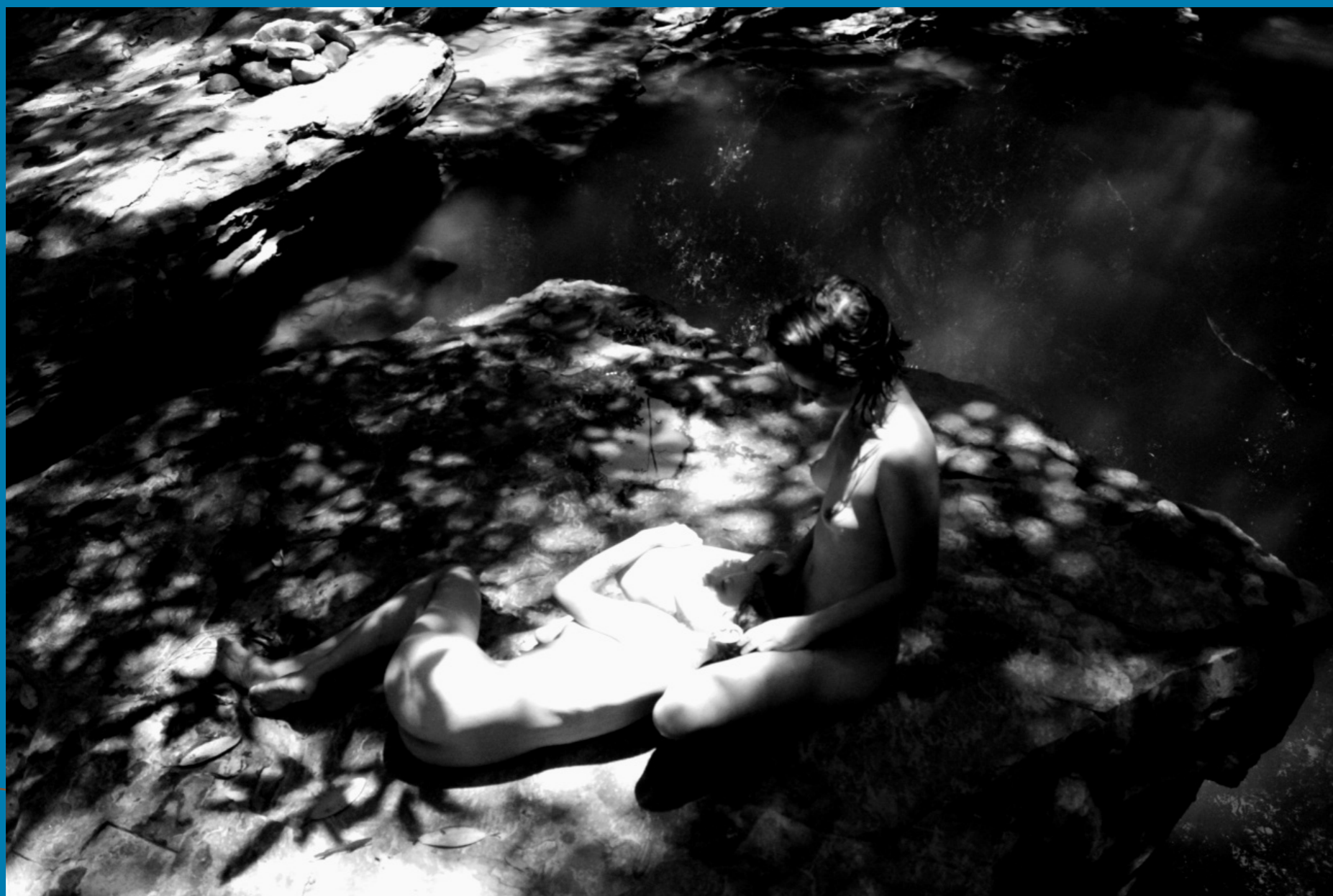


Um homem escreveu que antes de materializarmos o fenômeno o sabemos. Sim. O sentimos assim como enxergamos uma precipitação no horizonte. Ou sabemos que vamos sentir água pelo corpo antes de bebê-la num copo. Como o coração que dói antes da perda. Um fenomenólogo escreveu. Um poeta químico materializou o que nunca nos permitiram concluir materialmente. Que tenhamos a chance de materializar nas próximas gerações sem sermos queimadas, interrompidas, hostilizadas, enquadradas, internadas, violentadas, barradas, interrogadas, desclassificadas...



Hoje, brisa menina do rio São Francisco. O lugar: Este rio barranqueiro. No raio de secura e veredas. Piraporando o sertão mineiro como um útero descamando. Por entre os barrancos – sedimentos – intemperismos das vertentes. Rio. Não rio. Não menina... Destino? Até um próximo instante.





Os ensaios fotográficos foram feitos em diferentes lugares, sazonalidades e períodos do ciclo uterino. Representam tempos de ciclos femininos saudáveis, maduros e livres de interferências. Dá-se em momentos em que o corpo é parte dos mundos absorvidos e em ápices onde o corpo representa um mergulho no seu vértice interior. Ademais, há o encontro corpo-natureza em luzes e sombras que a fotografia consegue captar. ©